

Contação de histórias na Geografia: contribuições da educação popular para o ensino da história e cultura afro-brasileira

João Paulo Bernardo Ramos¹, Fernanda Lamanes Gomes¹, Adriany de Ávila Melo Sampaio²

Resumo

A Geografia é a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza e pode contribuir muito com o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira, cuja finalidade é evidenciar a importância histórica, social e econômica dos africanos e afrodescendentes na formação do Brasil como nação. A Geografia se utiliza de diferentes categorias de análise, sendo elas o espaço, que engloba o território, a região, a paisagem, e o lugar, e todas elas têm interface com a História, com as Ciências Sociais, com as Artes, com a Economia e a Política, pois os eventos deixam suas marcas no lugar, se organizam e se diferenciam em territórios. E como o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira tem o intuito de renovar a cidadania, pois permite o conhecimento de uma outra memória do Brasil, a Geografia pode usar como recurso didático a contação de histórias com base na literatura afro-brasileira, rica em textos que apresentam o negro como importante agente social, com tradições, tecnologias e conhecimento, repleta de elementos que remetem às categorias geográficas de análise. Como atividade pedagógica, a contação de histórias permite ensinar a literatura, formal e informal, de forma lúdica, enfocando diferentes conteúdos da Geografia, de forma interdisciplinar, contribuindo assim para a aplicação da Lei 10.639/2003, permitindo que a sociedade amplie seu conhecimento sobre a grande importância dos afro-brasileiros no processo de formação sociocultural do Brasil.

Palavras-chave

Lei 10.639/2003. Literatura. Cidadania.

1. Graduandos em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. E-mail: jpbgeografiaufu@yahoo.com; fernanda.lamanes@gmail.com.

2. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; professora na Universidade Federal de Uberlândia, onde coordena o Grupo de Pesquisa Espaços de Educação e Espiritualidade (GPEEE) e o Laboratório de Geografia e Educação Popular (LAGEPOP). E-mail: adrianyavila@gmail.com.

Storytelling in Geography: contributions of popular education to the teaching of history and African Brazilian customs

João Paulo Bernardo Ramos*, Fernanda Lamanes Gomes*, Adriany de Ávila Melo Sampaio **

Abstract

Geography is the science that studies the relations between society and nature and can contribute a lot with the teaching on afro-brazilian history and culture, whose purpose is to highlight the historical, social and economic importance of africans and afro-descendants in the formation of Brazil as a nation. Geography is used of different categories of analysis, being they the space, which encompasses the territory, the region, the landscape and the place, and all of them have interface with History, with Social Sciences, with Arts, with Economy and Politics, because events leave their marks in place, organize, and differentiate themselves in territories. And since the teaching on afro-brazilian history and culture has the purpose of renewing citizenship, since it allows the knowledge of another memory of Brazil, Geography can use as a didactic resource the storytelling based on afro-brazilian literature, rich in texts that present black as an important social agent, with traditions, technologies and knowledge, Replete with elements that refer to the geographical categories of analysis. As a pedagogical activity, storytelling allows the teaching of literature, both formal and informal, in a playful way, focusing on different contents of Geography, in an interdisciplinary way, thus contributing to the application of Law 10639/2003, allowing society to broaden its knowledge about Importance of afro-brazilians in the process of socio-cultural formation in Brazil.

Keywords

Law 10.639/2003. Literature. Citizenship.

* Undergraduate students in Geography, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: jpbgeografiaufo@yahoo.com; fernanda.lamanes@gmail.com.

** PhD in Geography, Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil; coordinator for the research group Education Spaces and Spirituality (GPEEE) and for the Geography and Education Lab (LAGEPOP). E-mail: adrianyavila@gmail.com.

Introdução

A imagem dos afro-brasileiros e da sua cultura, que também se relaciona à história da África, quando abordada pelo currículo nas escolas, tem sido, por várias décadas, ensinada de forma a desvalorizar e menosprezar o negro. Ao mesmo tempo em que a desfavoreceu, a ideologia eurocêntrica incorporou muitos dos conhecimentos desenvolvidos na África bem antes dos portugueses, espanhóis ou ingleses, entre outros colonizadores. Conhecimentos como a agricultura, a mineração, a metalurgia e a tecnologia do moinho, apenas para citar alguns, eram de domínio dos africanos e foram incorporados à produção econômica do Brasil sem que fosse feita qualquer menção à África. As grandes civilizações africanas, como a Egípcia, são apresentadas de forma desvinculada do continente africano, e outras nem são mencionadas, como, por exemplo, o Império Cushita, ou Reino de Sabá, entre tantas outras (SAMPAIO; SAMPAIO, 2016).

Nas aulas de Geografia e História do Brasil nunca são apresentadas as revoltas organizadas por afrodescendentes, como, por exemplo, a Balaiada, no Maranhão, ou a Revolta dos Malês, na Bahia, desde o período escravocrata até os dias atuais (SAMPAIO; SAMPAIO, 2016). Por sua vez, a escola também deixa de abordar as manifestações que afro-brasileiros realizaram e realizam em prol da reivindicação de vários de seus direitos, deixando de evidenciar a existência de homens e mulheres que lutaram e lutam em favor dos direitos dos negros e da cultura deles. Ensinos que poderiam servir de exemplo para as gerações futuras.

Ao não contar toda a história da

construção do Brasil, mas contá-la somente do ponto de vista do dominador, a educação perpetua o preconceito, a discriminação e o próprio racismo, materializados de forma sutil, por meio de piadas, ou explícita, como o ataque verbal presencial ou virtual.

O negro, tornado escravo, foi coisificado e desumanizado. O europeu se auto-outorgou a missão civilizadora e subtraiu aos povos “colonizados” sua história, cultura e identidade. Milhares morreram nas guerras de captura na própria África, outros milhares na insalubre travessia do Oceano Atlântico para que por fim milhões de outros negros africanos viessem a formar a fortuna dos conquistadores, mas, sobretudo a formar o que somos como povo brasileiro. (SILVA, 2012, p. 5).

Para que o ensino da história e cultura afro-brasileira realmente aconteça, é necessário que ocorra uma “pedagogia reversiva”, conceito cunhado por Helio Santos, fundador e presidente do Instituto Brasileiro da Diversidade³. O conceito, a princípio, é simples porque

envolve basicamente ensinar coisas que revertam a imagem pejorativa que se construiu dos afrodescendentes ao longo dos anos. Envolve “incluir o negro na educação, não simplesmente na ciência e tecnologia, mas na formação do cidadão, de forma que ele possa se ver positivamente, ler sua cultura e enxergar seus antepassados de maneira positiva”, nas palavras do professor Kabengele Munanga, da Universidade de São Paulo (BAZAN, 2013, p. 37).

Assim, o ensino da cultura e história

3. O Instituto Brasileiro da Diversidade (IBD) é uma organização, sem fins lucrativos, formada por pessoas e entidades que se dedicam à promoção da diversidade como instrumento de inclusão social. Fundado em 2005, o IBD origina-se da pesquisa “Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas”, realizada pelo Instituto Ethos, em 2003, que constatou a representatividade inadequada de negros, mulheres e pessoas com deficiência no mercado de trabalho e tornou-se um divisor de águas em diversidade no país (Fonte: <https://ibdiversidade.wordpress.com/about/>).

afro-brasileira precisa, primeiramente, desmitificar conceitos negativos enraizados na sociedade brasileira que, ao longo da história, foram vinculados ao negro e a sua cultura com a finalidade de inferiorizá-lo por meio de palavras e termos pejorativos que o desqualificam como seres humanos.

A utilização da Geografia para o ensino da história e cultura afro-brasileira

A Geografia é a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza por meio de diferentes categorias de análise, sendo elas o território, a região, a paisagem e o lugar. Essas categorias fazem interface com a história, as ciências sociais, as artes, a economia e a política, pois os eventos deixam suas marcas no lugar, se organizam, e se diferenciam nos territórios. Por sua vez, a literatura afro-brasileira é muito rica em textos que apresentam o negro como importante agente social, com tradições, tecnologias e conhecimento. Como atividade pedagógica, a literatura permite ensinar, de forma lúdica, diferentes conteúdos da Geografia, contribuindo assim para a aplicação da Lei nº 10.639/2003. A categoria território pode contribuir para isso, pois trabalha a construção histórica, socioeconômica, cultural e étnica, seja do Brasil, ou de outros países. Ela pode ser utilizada para diagnóstico, para análise crítica, e planejamento.

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 2006, p.15).

O território brasileiro de hoje foi uma construção geográfico-histórica dos sujeitos que aqui nasceram, ou que vieram habitar. Na

construção territorial brasileira é evidente a participação dos africanos e afrodescendentes, que sustentaram a economia nacional durante séculos. E se hoje temos um território de expressão continental, grande parte dele se deve às mãos dos negros africanos e afrodescendentes que consumiram suas vidas em solo brasileiro. O que impede o reconhecimento dos negros como responsáveis pelo desenvolvimento da economia brasileira, seja a do período colonial, imperial ou da república, é ainda a ideologia colonialista do dominador europeu.

A categoria território na Geografia pode ser utilizada para trabalhar as questões sobre a importância do negro na formação cultural brasileira, por meio de um ensino que demonstre como os africanos foram retirados violentamente de seu continente, trazidos ao Brasil e a outras partes do mundo, por meio de um processo migratório escravista, extremamente desumano. Pode-se também expor os conflitos entre territórios de tribos rivais africanas, o que muito ajudou no aprisionamento de homens, mulheres e crianças até então livres em suas aldeias. Também é possível evidenciar as várias revoltas e conflitos pelo direito à liberdade que ocorreram em território brasileiro, como a Revolta da Chibata, por exemplo, que aconteceu na Marinha brasileira, sob a liderança do marinheiro negro João Cândido contra os castigos, os trabalhos forçados e a rigidez com que eram tratados os negros marinheiros. Outro exemplo, surgido na década de 1930, por meio dos movimentos negros, foi a Frente Negra Brasileira que se tornaria a mais poderosa organização política negra de massa do século XX, pois combatia o racismo e alertava contra as péssimas condições de vida, saúde e educação da população negra no estado de São Paulo. Essas, entre tantas outras manifestações de luta por direitos, fazem parte da disputa de territórios, de espaços para viver, e ainda estão fora dos estudos de muitos brasileiros (SAMPAIO; SAMPAIO, 2016).

Na questão agrária, podemos enfatizar as consequências que a Lei de Terras, criada em 1850, teve sobre a população negra, que era mão de obra escrava do Brasil exportador de café e açúcar, e que após a Lei Áurea passou à condição de pessoas sem moradia, sem direito a qualquer tipo de indenização, entregues a sua própria sorte.

O fim do regime escravocrata tem reflexo até os dias atuais, o que explica, em grande parte, as diferenças socioeconômicas entre afrodescendentes e eurodescendentes. Além da marginalização, pode-se também enfocar a violência urbana e a alta estatística de jovens negros assassinados, ou seu maior número nas penitenciárias no Brasil, entre outras questões sociais tratadas pela Geografia Econômica, a Geografia do Comércio, da Indústria, da Geografia Urbana.

Uma outra categoria de análise na Geografia que também tem muito a contribuir com a temática da cultura afro-brasileira é a categoria região. Vista como um produto real, construído dentro de um quadro de solidariedade territorial, a região é abordada como espaço vivido, “modelada pelos homens e projetando neles imagens que os modelam” (FRÉMONT, 1980, p. 17). Para Ribeiro (1993, p. 214), a região

Trata-se de uma porção territorial definida pelo senso comum de um determinado grupo social, cuja permanência em uma determinada área foi suficiente para estabelecer características muito próprias na sua organização social, cultural e econômica. Este espaço é, portanto, socialmente criado e vai se diferenciar de outros espaços vizinhos por apresentar determinadas características comuns que são resultantes das experiências vividas e historicamente produzidas pelos próprios membros das suas comunidades.

Assim, o conceito de região em relação à questão dos afro-brasileiros pode identificar como os negros foram trazidos do continente africano por meio de um processo que os escravizaram,

além da distinção de seus costumes e hábitos, já que eram de regiões e nações diferentes. A África, como um grande continente, possui diferentes regiões, com costumes, culturas e nações e os povos que foram trazidos como escravos para trabalharem no Brasil trouxeram consigo conhecimento, sabedoria de seus povos e ciência. Não eram desprovidos de humanidade, pelo contrário, em alguns aspectos estavam à frente do continente europeu.

Em Geografia Cultural, a categoria região pode evidenciar como, mesmo em condições tão adversas, os africanos conseguiram guardar parte de suas identidades a partir de suas danças, músicas, comidas, linguagens e jeitos de falar, conhecimentos em agricultura e mineração e construção de engenhos de açúcar. E são essas manifestações recriadas e compartilhadas com outras culturas no território brasileiro que formam o atual Brasil, e que o diferencia no mundo.

Também a categoria paisagem poder ser de grande importância para demonstrar a cultura afro-brasileira, posto que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, seu estudo não se restringe

à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Deve-se também buscar as relações entre a sociedade e natureza que aí se encontram presentes situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados, compreendendo-as. (BRASIL, 2000, p. 116).

A categoria paisagem possibilita a interação da sociedade com a natureza, que muda ao longo dos diversos contextos histórico-sociais, conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro, em uma coexistência em diversas temporalidades. Entendida como um produto social e histórico, tal categoria retrata as sociedades que a construíram e a constrói. É, portanto, visível e material, mas o processo de sua transformação nos revela grandes conflitos sociais e étnicos. Desse modo, a paisagem não é estática, está sempre em

constante transformação. Em uma mesma praça é possível ter vestígios do antigo pelourinho, com sua coluna de pedra, onde eram exibidos e castigados criminosos e escravos e, ao lado, a Igreja Barroca, o Coreto, a Câmara Municipal (SAMPAIO; SAMPAIO, 2016).

A influência cultural dos negros escravizados, trazidos de várias nações do continente africano ao Brasil para servir de mão de obra escrava, ocorreu desde o momento de sua chegada. Os negros influenciaram muito na formação da sociedade brasileira, desde a alimentação às novas palavras, ritmos, músicas, religiosidade, tecnologia, entre outros.

A categoria de análise lugar é também de grande valor para a Geografia trabalhar questões étnico-raciais, pois

significa pensar a história particular [de cada lugar], se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (CARLOS, 1996, p. 20).

Trabalhar o lugar para ensinar a história e a cultura afro-brasileira possibilita a interação do indivíduo com sua própria história de vida, com a história das pessoas que ali vivem, com suas características linguísticas, seus hábitos e suas manifestações culturais, especialmente se o grupo tem suas bases vindas da África ou de ascendentes e descendentes africanos. Todas essas particularidades fazem do lugar um espaço único, com sentimentos, odores e detalhes que, junto à memória de cada ser humano, se torna referência de vida, de comportamento social.

Os indivíduos que moram no lugar possuem determinadas tradições, algumas sutis, outras sofisticadas em sua complexidade, mas todas exibindo traços, expressões, e indícios do conhecimento popular de que são detentores. Esse conhecimento, que na maioria das vezes é

transmitido oralmente, passado principalmente pela família, tem ligação direta com o meio em que vivem, pois é no lugar em que se realiza a materialização da forma de pensar, de ver o mundo, é onde ocorrem a manifestação e a transmissão cultural, onde ocorrem a resistência e a preservação dessas culturas.

Isso ocorre em muitos lugares no Brasil em que os mais velhos são os representantes da cultura local – e por isso são muito respeitados – especialmente nos remanescentes de quilombos, nos quais avôs são chamados de sabedores dos “ancestrais fundadores”. São educadores de novas gerações, indivíduos de real importância para que essa cultura se perpetue. Para a Geografia, a História, as Artes, entre outras disciplinas, seria muito interessante trazê-los para dentro do âmbito escolar, nas salas de aula, para que pudessem ensinar o conhecimento que praticam, visto que tal saber poderia servir para diminuir o preconceito que existe sobre a cultura afro-brasileira.

Contação de história como proposta interdisciplinar para o ensino da cultura afro-brasileira em aulas de Geografia

A interdisciplinaridade é um importante elo entre o entendimento das disciplinas nas suas mais variadas áreas, porque abrange temáticas e conteúdos, permitindo, dessa forma, recursos inovadores e dinâmicos em que as aprendizagens são ampliadas (BONATTO et al., 2012).

O exercício interdisciplinar vem sendo considerado uma integração de conteúdos entre disciplinas do currículo escolar, sem grande alcance e sem resultados convincentes. A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação

e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 2002).

De acordo com Bonatto et al. (2012), a ocorrência da interdisciplinaridade não significa esvaziar as disciplinas, mas torná-las comunicativas entre si, e facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, a contação de história é uma atividade interdisciplinar, pois envolve habilidades e conceitos de diversas áreas do conhecimento, especialmente das artes, sendo possível explorar os saberes geográficos, permitindo o ensino de história e cultura afro-brasileira, valorizando características pessoais, tipos de cabelo, cor da pele, lendas, e formas de pensar o mundo do povo afrodescendente, conforme pede a Lei nº 10.639/2003.

Como um recurso possível para o ensino e a aprendizagem, a contação de histórias é capaz de atrair a atenção de crianças e adolescentes, despertando-lhes curiosidade e auxiliando-os no desenvolvimento da escrita e da leitura. Por meio dela, podem ser adquiridos conhecimentos que visam maior criticidade sobre a questão afro-brasileira, que, por sua vez, pode ser encontrada nas narrativas de contos, tradições orais, mitos, lendas, aventuras, romances, fábulas, entre várias outras formas de expressão.

As histórias contadas pelos anciões das famílias serviam, concomitantemente, como meio de entretenimento e forma de ensinar técnicas e valores para as gerações mais jovens. Ainda hoje, a contação de histórias ainda é utilizada para aquisição do conhecimento e da crítica.

As histórias encontradas na literatura podem contribuir muito para o ensino de uma disciplina, principalmente o de Geografia, proporcionando aos alunos entenderem fatos socioeconômicos, culturais, épocas ou locais que eles não vivenciam. Por meio dos episódios narrados é possível ensinar Geografia detalhando paisagens, caracterizando o lugar, abstraindo elementos que venham a contribuir com o aluno para que ele compreenda o

processo histórico e cultural dos afro-brasileiros.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 2004, p. 17).

A contação de histórias contribui para uma melhor compreensão de fatos e ações humanas que se interagem em diferentes contextos históricos e que podem ser encontrados em depoimentos reais ou ficcionais. Ao utilizar a literatura é possível demonstrar o afro-brasileiro como sujeito, como protagonista da história do Brasil.

Entre os líderes negros de nosso país estão Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares e estrategista militar, e Dandara, que exercia a liderança feminina naquele Quilombo, ambos expoentes pela liberdade do povo negro, ainda no século XVII; e Tereza de Benguela, uma das lideranças do Quilombo do Piolho ou Quariterê, nos arredores de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso, entre muitos outros e outras. (JESUS, 2014, p. 4-6).

Na literatura, há interessantes livros sobre as revoltas dos negros e suas reivindicações ocorridas no período escravocrata brasileiro e no período pós-abolição sobre os vários conflitos em relação à manifestação religiosa, à prática da Capoeira e a outras questões sociais que os negros sofreram ao longo da história e que, hoje, fazem parte do cotidiano dos brasileiros. Nessa literatura estão livros como: *O Menino Nito, Lembranças Africanas – Jongo*, e *Lembranças Africanas – Maracatu*, de Sonia Rosa; *O Tabuleiro da Baiana*, de Sonia Rosa e Rosinha Campos; *Os Nove Pentes D'África*, de Cidinha da Silva; *Zumbi dos Palmares – Em Cordel*, de Madu Costa; *Chico Juba*, de Gustavo Gaiyota, *Minha Mãe é Negra Sim!*, de Patrícia Santana, entre

muitos outros. (SAMPAIO; SAMPAIO, 2016).

Considerações finais

A Geografia pode auxiliar no ensino da história e da cultura afro-brasileira, revalorizando um conteúdo que já era ensinado na escola. Desde os primórdios da humanidade, o continente africano tem muito a contar. Suas diferentes etnias, até as manifestações mais contemporâneas, precisam ser trazidas para a sala de aula, de forma a resgatar, assim, a história humana, pois somos todos herdeiros da África, seja na evolução biológica do homem no planeta Terra, seja no conhecimento sistematizado em geral.

A Geografia precisa se aprofundar nas possibilidades da discussão de seus conteúdos, realçando o valor da ciência, da arte e da força de trabalho que os africanos e seus descendentes trouxeram para o Brasil. Ainda existem muitos pontos a serem trabalhados na atualidade, como, por exemplo, evidenciar heróis e heroínas que atuaram e atuam nesse processo.

Também a Geografia precisa apresentar o território brasileiro como consequência dessas contribuições. Há territórios que auxiliam

ou dificultam as manifestações culturais historicamente negras e elas acabam sendo realizadas no lugar de pertencimento da comunidade envolvida. A Geografia precisa trazer esse conteúdo para a sala de aula, evidenciando a necessidade de se conhecer e respeitar diferentes tradições que se organizam e organizam o espaço. O auxílio dos afrodescendentes como pessoas que praticam as manifestações culturais de matrizes africanas é fundamental, pois esses sujeitos são os verdadeiros guardiões desse conhecimento, da preservação dessa cultura, da caracterização desse lugar.

Para que esse ensino possa ser eficaz e proporcionar a mudança de como o negro e a sua cultura são vistos nesta sociedade eurocêntrica, deve-se utilizar o conhecimento que perpassa o lugar com pessoas que praticam e fomentam as manifestações culturais de matriz africana.

A contação de histórias, como método interdisciplinar, possibilita ensinar e aprender geografia afro-brasileira e permite a interação dos estudantes com os personagens, os lugares e o contexto histórico em que ocorreram essas narrativas, demonstrando como foi importante a contribuição dos africanos e afrodescendentes para a formação cultural da sociedade brasileira, desde o período escravocrata até os dias atuais.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2004. (Coleção Pensamento e Ação no Magistério).

BAZAN, R. Presença do negro na educação. **Revista Raça Brasil**, São Paulo, n. 182, p. 37, 2013. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/182/artigo296209-2.asp/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BONATTO, A. et al. Interdisciplinaridade no ambiente escolar. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED, 12., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Caracterização da Área de Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

FRÈMONT, A. **A região: espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

JESUS, A. de. Conheça a história de alguns heróis e heroínas negras no Brasil. **Revista Cultura Afro nas Escolas**, n. 1, p. 1-14, jul. 2014.

SAMPAIO, A. A. M.; SAMPAIO, A. C. F. S. **Educação das relações étnicorraciais na licenciatura em Geografia**, Uberlândia, 2016. 20p. (mimeo).

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. et al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SILVA, S. R. da. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 7., 2012, Bogotá. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/08-S-Rezende.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

Submetido em 2 de junho de 2016.

Aprovado em 20 de junho de 2016.